

Ensino de Língua Portuguesa no século XXI: pesquisa, teoria e prática

Maria Cristina Vieira Bastos

Doutoranda em Língua Portuguesa pela UFRJ
Professora de Redação do Curso Popular de Pré-Vestibular do NIDES/UFRJ
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3984-8861>
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4869058681666384>
E-mail: mariacristinabastos@letras.ufrj.br

Júlia Vieira Correia

Doutorado em andamento em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6191-3909>
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4334414605394969>
E-mail: vieirajulia@id.uff.br

Data de submissão: 23/04/2023 | Data de aprovação: 29/05/2023

Resenha de:

ROSÁRIO, Ivo da Costa do; LOPES, Monclar Guimarães (orgs). **Ensino de Língua Portuguesa no século XXI: pesquisa, teoria e prática**. Campinas: Pontes, 2022.

O livro *Ensino de Língua Portuguesa no século XXI: pesquisa, teoria e prática*, organizado pelos professores doutores Ivo da Costa do Rosário e Monclar Guimarães Lopes, é o resultado de um projeto homônimo iniciado em 2021 – no contexto do Programa de Desenvolvimento de Projetos Aplicados (PDPA). Trata-se de uma parceria entre a Prefeitura Municipal de Niterói (PMN), a Universidade Federal Fluminense (UFF) e a Fundação Euclides da Cunha (FEC).

O projeto destinou-se à formação dos professores do segundo segmento da rede pública municipal de Niterói, com foco no processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa. Foi elaborado por uma equipe de professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UFF, formada pelo professor Dr. Ivo da Costa do Rosário (coordenador geral do projeto), pelo Prof. Dr. Monclar Guimarães Lopes (vice-coordenador) e pela Prof.^a Dr.^a Mariangela Rios de Oliveira.

A obra é composta por nove capítulos, além da apresentação assinada pelos organizadores. Nela, são apresentados os trabalhos de professores doutores com vasta experiência na docência da Educação Básica e da Superior, que ministraram as aulas nesse curso de formação de professores da rede pública municipal de Niterói.

A partir desta apresentação, percebe-se a preocupação dos autores em enfatizar a importância dos referenciais teóricos contidos nos documentos oficiais, tais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e, especificamente, o currículo da Prefeitura de Niterói como arcabouços teóricos relevantes que, se bem interpretados, podem contribuir para o aprimoramento das práticas de ensino de Língua Portuguesa (LP). Por conseguinte, a obra também apresenta propostas de práticas de ensino, que podem inspirar professores da Educação Básica em todo o território nacional.

Um simples olhar pelo sumário já é suficiente para despertar a curiosidade do leitor a respeito de cada um dos nove capítulos. Além de a rica bibliografia e a apresentação de diversas teorias, que colocam o texto em posição de destaque nas abordagens, que também são um ponto alto dessa obra. Enfim, um leitor atento, já a partir do título do livro, pode identificar o convite ao engajamento em novas práticas pedagógicas que, aliadas a uma boa interpretação da teoria, são capazes de promover uma profunda inovação no processo de ensino-aprendizagem de LP no século XXI.

No primeiro capítulo, o professor Ivo da Costa do Rosário apresenta reflexões sobre o tema *Funcionalismo, sociointeracionismo e ensino de Língua Portuguesa no século XXI*. Partindo de uma incursão histórica do ensino de LP, apresenta os pontos centrais do Funcionalismo e do Sociointeracionismo que podem ser utilizados como referenciais teóricos para trazer grandes contribuições às práticas de ensino de LP. Alerta, entretanto, que não tem o objetivo de apresentar uma solução para erradicar os problemas relacionados ao ensino, apenas propor caminhos, ou seja, algumas reflexões que possam ser capazes de iluminar as práticas de ensino, preocupação já presente em outras obras anteriores, a exemplo de Antunes (2007), Geraldi (2007) e Travaglia (1995), todas retomadas pelo autor em sua reflexão o que amplia o campo de investigações teóricas e empíricas, fazendo crescer outros pontos de vista com numerosos relatos de sucesso. Ressalta, também, que há um amplo consenso sobre a centralidade do texto nas atividades práticas, o que é muito positivo.

No que tange à gramática tradicional e outros saberes, o autor afirma que estes têm o seu espaço e devem ser preservados, mas abordados de forma reflexiva, contrastados com as abordagens mais modernas. Por fim, reitera que os pressupostos teóricos do funcionalismo e do sociointeracionismo podem ser ferramentas utilizadas para inovar o ensino de LP no século XXI, haja vista que são teorias que se coadunam com a perspectiva enunciativo-discursiva preconizada pela BNCC. No entanto, alerta que, sob a perspectiva enunciativo-discursiva, outras teorias do texto também são capazes de inovar o ensino de LP, isto é, outros pontos de vista são capazes de enriquecer o ensino.

O professor Tharlles Lopes Gervasio, no segundo capítulo do livro, aborda o tema *A Língua Portuguesa nos documentos oficiais (PCN e BNCC e a proposta curricular de Niterói)*. O autor afirma que houve um avanço nas práticas de ensino de LP quando os PCN foram publicados, na década de 90, posto que, a partir desse documento, o texto passou a ser concebido como unidade de ensino e os gêneros textuais receberam destaque em sala de aula, trazendo uma proposta de ensino contextualizada. O ponto alto dessa afirmação é quando o autor ressalta que autores como Fávero e Koch (1983), Geraldi (1997) e Travaglia (1997) já sugeriam a importância da centralidade do texto nas práticas pedagógicas, antes da publicação dos PCN. Por outro lado, alerta que, embora os PCN tenham trazido uma proposta de inovação ao ensino de LP, esse documento teve grandes dificuldades de ser incorporado às práticas de sala de aula, visto que a GT permaneceu hegemônica, tratada como uma estrutura autônoma, desvinculada do real, assim como era trabalhada na década de 80 do século passado. No que diz respeito à BNCC, o autor crer genuinamente que surge como um instrumento valioso para trabalhar a igualdade de oportunidades educacionais, possibilitando

uma formação consistente para os estudantes de todas as regiões brasileiras e de todas as classes sociais.

Gervásio é categórico ao afirmar que a BNCC foi construída coletivamente e se apresenta como uma ferramenta bastante facilitadora para que o currículo seja elaborado, isto é, trata-se de um documento norteador que deve operar na construção das matrizes curriculares, respeitando-se a autonomia das escolas e dos profissionais da educação, o que a faz ser adaptada de acordo com cada realidade escolar. Ressalta, também, que, assim como os PCN, a BNCC destaca a necessidade de se trabalhar com a modalidade oral da língua em sala de aula, tendo o texto como o elemento central do ensino, além de incentivar que os alunos sejam expostos a textos multissemióticos, compreendendo que, com avanço da cultura digital, faz-se necessário que textos de variadas semioses interajam nas práticas de ensino-aprendizagem. Para o autor, a BNCC apresenta uma proposta de ensino pautada na funcionalidade e que leva o estudante a ter um posicionamento ético e ativo na sociedade.

Por conseguinte, destaca-se o ápice no texto quando o professor explica que o currículo de LP da rede municipal de ensino, em Niterói, é construído com base nas discussões e nas trocas entre os profissionais da educação, com base na BNCC, mas também nas teorias propostas por Travaglia (1997), Geraldi (2003), Bakhtin (2011) e Soares (2012), embora não se faça menção explícita a estes autores no currículo. Conforme Gervásio, o documento da cidade de Niterói tem por objetivo possibilitar que as escolas sejam mais assertivas no planejamento pedagógico ou mesmo na escolha dos materiais pedagógicos que serão utilizados e não tem o objetivo de ditar as regras do que deve ser ou não trabalhado no ambiente escolar, pelo contrário, respeita a diversidade cultural, ambiental, econômica e social de cada localidade.

No terceiro capítulo, *O texto na Escola: reflexões e propostas em torno dos gêneros no ensino de Língua Portuguesa*, a autora, Professora Nadja Pattresi, defende, assim como os demais autores, que o texto deve ocupar o centro das aulas de LP, como preveem os PCN (1998) e a BNCC (2018). Recorre à metáfora do *iceberg*, para explicar que sua parte exposta equivaleria à superfície textual (cotexto) e o bloco de gelo submerso corresponderia à parte implícita da linguagem (contexto), em que a construção do sentido ocorre de forma colaborativa, dependendo de inferências e conhecimentos compartilhados entre os interlocutores no momento da interação. Sendo assim, sem se filiar exclusivamente a uma única vertente de estudo, reúne alguns pilares metodológicos que se articulam a pesquisas do campo textual-discursivo para investigar a construção de sentido em textos de diferentes gêneros.

A autora faz uma excelente reflexão acerca das diferentes concepções de gêneros, passando por Bakhtin (2016[1979]), Marcuschi (2007, 2008), Fiorin (2011) e Motta-Roth (2008 apud BEZERRA, 2017), e afirma que um tratamento dicotômico do que seria gênero textual e gênero discursivo é uma discussão infrutífera, corroborada por Bezerra (2017). Não obstante, privilegia, em caráter didático, a perspectiva de Marcuschi (2007, 2008); Cavalcante (2013); Santos, Riche e Teixeira (2012) para fundamentar a abordagem de gênero proposta em seu trabalho. Seguindo a perspectiva de Marcuschi (2008), faz a distinção entre tipos textuais

(descrição, narração, exposição, argumentação e injunção) e gêneros textuais (número ilimitado) ao aplicar tais noções em textos multimodais ou multissemióticos, em sua proposta didática comentada, momento de destaque no capítulo. Os conceitos de domínio discursivo, suporte dos gêneros textuais, além de exemplos de intergenericidade também constam neste capítulo bastante produtivo. Enfim, a autora ressalta que ler, compreender e produzir gêneros, dos mais tradicionais aos gêneros digitais e multissemióticos, contribui para o desenvolvimento dos (multi)letramentos na escola e na vida para além dela.

No quarto capítulo, intitulado *Leituras, identidades e seleção de textos*, a autora Beatriz Feres aborda a importância cada vez maior de ler. Enfatiza que a BNCC e os PCN reiteram a necessidade da remodelização do ensino de leitura, a partir de dois aspectos fundamentais: o primeiro, relacionado a uma mudança de concepção acerca da própria definição do ato de ler, identificado como um processo interativo de construção de sentido no texto, construção essa que vai desde o texto oral ao texto digital, este último com maior destaque atualmente; já o segundo, diz respeito à necessidade de estimular o pensamento crítico dos alunos para que possam ser sujeitos ativos no processo de construção do sentido nas mais diversas linguagens em que estão expostos no mundo.

No que diz respeito à análise linguística, Feres alerta que esta deve estar atrelada ao texto e de acordo com seu contexto de uso, contudo isso não significa dizer que a norma padrão não deva ser trabalhada em sala de aula, a autora ressalta que a escola não deve priorizar o trabalho exclusivo da norma padrão, pois a língua deve ser ensinada como um construto social heterogêneo e, portanto, variável. Dessa forma, em vez de se trabalhar apenas o texto escrito (formal e/ou canônico), deve-se oferecer uma ampla variedade de textos, de gêneros discursivos, incluindo textos multimodais como objeto de aprendizagem.

Em que pese os avanços teórico-metodológico demonstrados pelas diretrizes nacionais, Feres lembra que muitas vezes estes não chegam ao magistério, pois o investimento na formação do professor e as condições de trabalho consciente de leitura com os alunos ficam aquém das expectativas dos professores, que buscam, majoritariamente, por teorias inovadoras que possam ser aplicadas ao ensino.

Partindo da concepção de leitura fundada na interação (CAVALCANTE, 2012; FERES, 2016; KOCH; ELIAS, 2006), e na centralidade do texto em sala de aula, a autora afirma que “o ato de ler, como ação, exige movimento, investimento participativo do leitor, que deve debruçar-se sobre o texto a fim de apreender o que diz. Uma (suposta) passividade [...] o tornaria *ledor*” (FERES, 2022, p. 88 grifos da autora). Ou seja, o tornaria incapaz de compreender o sentido que ultrapassa a leitura do código.

Com o objetivo de explicar o processamento do ato de ler, e sua relação com a identidade do indivíduo e dos grupos sociais, Feres apresenta conceitos relativos à construção do sentido no texto, tais como a interpretação e a compreensão. Por conseguinte, em consonância com a BNCC, apresenta o alargamento do conceito de leitura decorrente da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos, e destaca a variedade de objetivos a serem alcançados com a leitura, desde o prazer estético (linguagem literária) à realizada para trabalhos acadêmicos, para debates de temas sociais até

a leitura voltada para que se alcance a cidadania. Enfatiza o trabalho na escola com textos multimodais próprios do gênero digital, mais populares e considerados marginais, ou da cultura de massa, pensando na diversidade cultural a que o leitor está frequentemente exposto. Por fim, traz excelentes exemplos de aplicação de atividade de leitura, mediada pelo professor, de acordo com a BNCC, a exemplo de *meme*, tirinha, notícia entre outros.

No quinto capítulo, as autoras Leonor Werneck dos Santos e Ana Beatriz Arena abordam o tema *Produção textual na escola: planejamento, avaliação, (re)escrita e circulação dos textos*. As autoras têm como objetivo discutir as etapas de produção textual, a partir da análise de exemplos voltados para os anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), conforme o Referencial Curricular (RC) da Rede Municipal de Educação, Ciência e Tecnologia de Niterói/RJ. Destacam a importância de se abordar a multissemiose na escola e selecionam para análise uma notícia em vídeo e um artigo de opinião (gêneros que privilegiam as tipologias narrativa e argumentativa, respectivamente). Por meio desses exemplos, trabalham as estratégias linguístico-textuais mais recorrentes e a retextualização como estratégia de reescrita, de acordo com Marcuschi (2004). A partir de um panorama teórico-metodológico acerca das várias etapas da produção textual na escola, baseado nas obras de Dolz e Schneuwly (2004), Antunes (2007), Santos, Cuba Riche e Teixeira (2012), dentre outros, as autoras discutem o ensino de produção textual articulado aos outros eixos da BNCC (leitura, análise linguística/semiótica, oralidade) e ao RC de Niterói, com objetivo de auxiliar professores de todo o Brasil.

Além dessa consistente proposta de produção textual, as autoras apresentam também sugestões para critérios de correção e avaliação (SANTOS; TEIXEIRA, 2016) e discutem como trabalhar as etapas de revisão, reescrita e divulgação dos textos elaborados pelos estudantes, em consonância com a proposta da BNCC e do RC de Niterói. Por conseguinte, salientam a importância de se trabalhar com os gêneros textuais, em vez de se trabalhar sobre eles, a fim de evitar a gramaticalização dos gêneros, como alertam Coscarelli (2007) e Buzen (2006). Também destacam a importância de se trabalhar com as etapas de produção textual: a) planejamento, redação, divulgação; b) revisão de textos, (auto)avaliação e reescrita, e enfatizam esta última como uma tarefa que deve ser desenvolvida de forma integrada, interacional entre o professor e o estudante. Por fim, apresentam dois exemplos excelentes de aplicação da teoria, nos gêneros notícia em vídeo e artigo de opinião, além de um quadro explicativo, contendo os critérios de correção e avaliação de textos narrativos e argumentativos, conforme Santos e Teixeira (2016).

No sexto capítulo do livro, *O lugar da(s) gramática(s) nas aulas de língua portuguesa: tradição, norma, variedade e descrição*, a autora Sílvia Rodrigues Vieira revela sua inquietação no que diz respeito ao modelo pedagógico de gramática assumido após a virada pragmática no século XX. Para a autora, é importante que se priorize o ensino da gramática contextualizada, isto é, com base na língua em uso, mas é fundamental que o ponto de partida seja o ensino da concepção elementar de gramática, cientificamente fundamentada, ou seja, que se tenha dois objetivos no ensino de gramática, a saber: i) Gramática como disciplina científica e ii) Gramática com finalidades práticas. Sendo assim, a autora enfatiza que a

gramática deve ser concebida como uma disciplina científica, “que constitui espaço para a construção indutiva do conhecimento, e de outro lado, como uma instância a ser manipulada para o cumprimento de finalidades práticas” (VIEIRA, 2022, p. 162).

Nesse sentido, a autora propõe o ensino de gramática em três eixos, partindo do princípio de que o lugar da gramática no ensino deve considerar o tripé: sistematicidade, interatividade e heterogeneidade. De acordo com a autora, o Eixo I trata a gramática enquanto atividade reflexiva; o Eixo II trabalha a gramática e a produção de sentidos; e o Eixo III trabalha a gramática sob o ponto de vista das normas/variedades. Assim, a articulação entre esses três planos, conforme a autora, é que vai garantir a adequação metodológica ao ensino de gramática, isto é, uma metodologia que seja reflexiva, sistematizadora e integradora.

Por conseguinte, a autora explica que é fundamental a articulação do ensino de gramática nos três eixos, sendo a abordagem reflexiva transversal aos demais. A partir daí, aprofunda a necessidade de o aluno construir de forma reflexiva, autônoma e consciente o conhecimento gramatical explícito, o que pode ser construído por meio da aplicação de atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas (FRANCHI, 2006[1987]), conforme consta das orientações oficiais para o ensino de Língua Portuguesa no país. Desse modo, o aluno passa a ser protagonista no processo de construção ativa da aprendizagem.

No sétimo capítulo, *Tópicos em gramática: abordagem metalinguística e epilinguística*, o autor Monclar Guimarães Lopes realça a centralidade do texto no processo de ensino-aprendizagem, referendado pelos documentos oficiais, tais como os PCN (1998), a BNCC (2018) e o Referencial Curricular da Rede Municipal de Educação de Niterói (2020). Nesse sentido, ressalta a importância de o docente desenvolver, progressivamente, em seus alunos, a proficiência na leitura/escuta e escrita/fala de textos dos mais variados gêneros, em diferentes modalidades, variadas semioses e suportes distintos. Sendo assim, à gramática caberia exercer um papel instrumental, concebido como um conhecimento que está a serviço do texto. De acordo com o autor, a literatura linguística contemporânea defende que o ensino de gramática deve conciliar as abordagens metalinguística e epilinguística. Ou seja, seu ensino deve ser orientado para o uso linguístico e trabalhado a partir de textos reais, o que contraria o ensino de gramática normativa, voltado para análise da frase/período.

O objetivo do autor é esclarecer, portanto, que ambas as abordagens podem ser articuladas nas aulas de LP. Para isso, apresenta a concepção de gramática centrada na abordagem formal (centrada na descrição do sistema e na competência linguística do falante), e outra de base funcional (centrada no uso empírico da língua em contextos reais de uso). Seria esta última a que mais se aproxima de uma perspectiva enunciativo-discursiva, uma vez que são examinados tanto o plano da forma quanto o do conteúdo. O autor também elege em seu texto a concepção de gramática internalizada ou gramática implícita, uma vez que há outras concepções e divergências acerca do tema. Recorrendo a normativas oficiais, autores clássicos – como Antunes, Travaglia –, exemplos ilustrativos e do corpus D&G – Niterói, esquemas e quadros, o autor elabora um percurso muito palpável e consistente àqueles que já conhecem ou não a teoria a que se filia o capítulo.

No oitavo capítulo, cujo título é *Tópicos em gramática: A modalidade oral e a escrita*, a autora Mariangela Rios de Oliveira, na esteira do debate instaurado pelos artigos anteriores, ratifica a concepção de que a BNCC se pauta em aspectos já previstos nos PCN acerca do trabalho com o texto, a gramática, a linguagem e a LP. A partir do seu ponto de vista de educadora, fica claro que é preciso que haja reflexão e apropriação no(s) uso(s) da linguagem. A autora também destaca diversos pontos em que o RC de Niterói se mostra atualizado e se aproxima das propostas dos PCN e da BNCC, como em relação à multissessão, à oralidade e à tecnologia. Partindo dessa perspectiva, a prática em sala de aula com esses três documentos, por exemplo, estará em constante diálogo com as necessidades dos estudantes do século XXI.

Partindo de uma revisão bibliográfica breve e, ao mesmo tempo, teoricamente consistente, retomando autores renomados e documentos oficiais, o capítulo destaca – compondo seu *corpus*¹ – relatos orais de moradoras da própria cidade de Niterói. Tal fato é interessante e contextualizado com a proposta do curso, uma vez que há posteriormente, ainda, uma comparação com os registros escritos que se deram não por transcrição, mas pelos próprios falantes que participaram da pesquisa e redigem aquilo que outrora enunciaram. A professora analisa uma série de dados específicos em cada trecho, de forma clara para os leitores menos experientes na teoria, mas também de modo aprofundado para aqueles que já a dominam. Isso tudo pode ser norteador aos professores da Educação Básica no trabalho com a oralidade, pois podemos entender que diversos processos são naturais da fala (com recorrência e classificação) e não erros que devem ser corrigidos a todo momento. Diversos conteúdos gramaticais, portanto, também podem ser trabalhados nessas análises.

Por fim, no nono capítulo, intitulado *Sequências didáticas para o ensino de Língua Portuguesa*, a autora Patrícia Ferreira Neves Ribeiro fecha a reunião de textos teórico-prático-reflexivos. Inicia sua escrita com a menção a pesquisadores não só tradicionais/clássicos, mas também a recentes, além de desenhar o panorama atual da situação dos jovens alunos. Isso tudo contribui para o percurso traçado pela pesquisadora. É interessante observar como Ribeiro percebe os aspectos comuns à juventude, mas também reconhece o papel e as necessidades da escola frente a inúmeras questões. Por exemplo, para ela, é fundamental que o educador oriente e intermedeie certas situações a fim de que haja um melhor aproveitamento do texto e do conteúdo linguístico. Atrelada à proposta teórica de Charaudeau – a Semiologia do Discurso –, compreende que é preciso conjugar as competências, as habilidades e as áreas propostas pelos documentos oficiais, como BNCC e PCN.

Especificamente se dedicando à metodologia de sequências didáticas, fundamentada na tradição clássica, Ribeiro centraliza a perspectiva de gêneros discursivos no trabalho de Linguagens e elenca de Bakhtin a Marcuschi como arcabouço teórico. Como exemplo, no momento da análise, há tópicos, quadros e ilustrações que auxiliam o leitor na compreensão das informações. A separação das atividades em etapas ou módulos se torna o ponto alto do

¹ “Discurso & Gramática – a língua falada e escrita na cidade de Niterói”.

capítulo, tendo em vista que tudo é explicado com detalhamento para professores formados ou em formação. Para finalizar, o artigo está repleto de exemplos práticos ao final, contribuindo mais uma vez para a apropriação das práticas descritas.

Com base nessa análise, podemos recomendar aos leitores, especialmente, aos professores brasileiros de Língua portuguesa da Educação Básica, a leitura minuciosa dessa obra *Ensino de Língua Portuguesa no século XXI: pesquisa, teoria e prática*, a qual fora publicada em 2022 e organizada pelos professores doutores Ivo da Costa do Rosário e Monclar Guimarães Lopes, ambos da Universidade Federal Fluminense. Essa obra é extremamente contextualizada com os tempos atuais e com a educação, sobretudo a de Niterói. O ápice da coletânea – ou melhor, um dos ápices – poderia ser o fato de que os autores se filiam a linhas diferentes, enriquecendo o debate de forma didática e acessível, sempre trazendo análise e exemplos ilustrativos. Por fim, esperamos que os pressupostos delineados nas páginas do livro possam se fazer presentes nas salas de aula de todo o Brasil.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática**: por um ensino sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016[1979].

_____. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo. Martins Fontes, 2011.

BEZERRA, Benedito Gomes. Gêneros discursivos ou textuais? *In*: _____. **Gêneros no contexto brasileiro**: questões[meta]teóricas e conceituais. São Paulo: Parábola, 2017. p. 17-32.

BRASIL. Ministério de Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC, 1998.

BUZEN, Clécio. Da era da composição à era dos gêneros: o ensino de produção de texto no ensino médio. *In*: BUZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia(org.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 139-161.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2013.

COSCARELLI, Carla Viana. Gêneros textuais na escola. **Veredas**, v. 11, n. 2, p. 78-86, 2007.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e org. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore Villaça. **Linguística textual**: introdução. São Paulo, Cortez, 1983.

FERES, Beatriz dos Santos. O ato de ler numa perspectiva interativa: os níveis de construção de sentido dos textos. *In*: DIAS, André; FERES, Beatriz dos Santos; ROSÁRIO, Ivo da Costa do (orgs.). **Leitura e formação do leitor**: cinco estudos e um relato de experiência. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016. p. 29-42.

_____. Leituras, identidades e seleção de textos. *In*: ROSÁRIO, Ivo da Costa; LOPES, Monclar Guimarães. (orgs.). **Ensino de Língua Portuguesa no século XXI**. Pesquisa, teoria e prática. São Paulo: Pontes, 2022. p. 89-115.

FIORIN, José Luiz. Os gêneros do discurso. *In*: _____. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2011. p. 55-69.

FRANCHI, Carlos. **Mas o que é mesmo “gramática”?** São Paulo: Parábola, 2006[1987].

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2003.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**. Atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). **Gêneros textuais e ensino**. 5ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 19-36.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais no ensino de língua. *In*: _____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008. p. 145-225.

NITERÓI. Secretaria Municipal de Educação. **Minuta do referencial curricular municipal – Ensino Fundamental/Língua Portuguesa**. Niterói, 2020.

SANTOS, Leonor Werneck dos.; RICHE, Rosa Cuba; TEIXEIRA, Cláudia de Souza. Práticas de linguagem e PCN: o Ensino de língua portuguesa. *In*: **Análise e produção de textos**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 184-207.

_____.; TEIXEIRA, Cláudia de Souza. Correção e avaliação de textos. *In*: PALOMANES, Roza; COELHO, Fábio André. (orgs.). **Ensino de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2016. p. 23-42.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação**: uma proposta para o ensino de gramática. São Paulo: Cortez Editora, 1995.

VIEIRA, Sílvia Rodrigues. O lugar da(s) gramática(s) nas aulas de língua portuguesa: tradição, norma, variedade e descrição. *In*: ROSÁRIO, Ivo da Costa; LOPES, Monclar Guimarães. (orgs.). **Ensino de Língua Portuguesa no século XXI**. Pesquisa, teoria e prática. São Paulo: Pontes, 2022. p. 155-183.